

NEOLIBERALISMO E SOCIEDADE DE CONTROLE

Aliúd José de Almeida

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB (Brasil)

Endereço eletrônico: aliudalmeida@gmail.com

Cássio Roberto Borges da Silva

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB (Brasil)

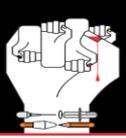
Endereço eletrônico: cassiorobertoborges@hotmail.com

INTRODUÇÃO

1999

Este trabalho visa dar a continuidade à discussão que fizemos em *Biopolítica e tanatopolítica: micropoder e soberania em Foucault e Agamben* (ALMEIDA; ALMEIDA; SILVA, 2021, p.767-786). Durante a década de 1970, Michel Foucault produziu um conjunto de análises historicamente situadas entre o final do século XVII e a primeira metade do século XX, onde descreveu, por um lado, a ruptura de uma sociedade fundamentada no exercício do poder soberano e, por outro, o nascimento de uma sociedade constituída pelo exercício do poder normativo. Da descontinuidade de uma sociedade organizada pelo poder da morte para a emergência de uma que se configura pela proliferação da vida. Para descrever o nascimento desta sociedade, Foucault elaborou as noções de poder disciplinar (FOUCAULT, 1987), uma técnica de extração da produtividade e da docilidade dos indivíduos, e de biopoder (FOUCAULT, 1988, 1999), uma política de regulamentação da vida humana. As análises feitas por Foucault apontam que durante o regime nazista, onde o racismo de Estado foi utilizado como mecanismo de seleção artificial da vida humana, foram produzidos os paroxismos que demarcaram a decadência das sociedades normativas.

Durante a década de 1990, em *Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua* (2002), Giorgio Agamben desvincula a noção de biopolítica de sua historicidade, relativizando-a a um fenômeno histórico universal originário da Antiguidade Clássica que se atualiza linearmente nas razões de Estado absolutista, contratualista e totalitarista (ALMEIDA; ALMEIDA; SILVA, 2021). Em seu deslocamento, ele, por um lado, descreve a história jurídico filosófica do poder soberano e, por outro, força um vínculo entre a tese elaborada por Foucault a de Hannah Arendt – na qual os campos de concentração são descritos como laboratórios experimentais do domínio total (1989). Se para Foucault, a biopolítica é uma



política de gestão da vida, Agamben, por sua vez, toma-a como uma política de gestão da morte.

Em 2004, nove anos após a primeira publicação de *Homo Sacer* (2002), em 1995, foi publicada a primeira edição das transcrições do curso ministrado por Foucault entre 1978 e 1979 no *Collège de France*. Com a finalidade de descrever historicamente *O Nascimento da Biopolítica* (2008), Foucault apresentou análises sobre as diferenças entre o liberalismo clássico e o liberalismo do século XX: “Só depois que soubermos o que era esse regime governamental chamado liberalismo é que poderemos, parece-me, apreender o que é a biopolítica” (FOUCAULT, 2008, p.30). Nestas aulas, ele aponta tanto o descarte do modelo disciplinar de sociedade, quanto a emergência de uma nova técnica de governamentalidade, “isto é, a maneira como se conduz a conduta dos homens” (FOUCAULT, 2008, p.257), fundamentada na teoria liberal do capital humano.

2000

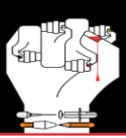
METODOLOGIA

Após descrevermos os aspectos centrais da discussão de Foucault em *O Nascimento da Biopolítica*, examinaremos o desdobramento de suas hipóteses nas noções de sociedade de controle e psicopolítica, respectivamente elaboradas por Gilles Deleuze e Byung-Chul Han.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A exposição de Foucault orbita em torno de três temas: a noção de neoliberalismo, a de capital humano e o descarte do modelo disciplinar. Ele aponta que, desde o século XVIII, o liberalismo “implica em seu cerne uma relação de produção/destruição [com a] liberdade” (FOUCAULT, 2008, p.87). Neste sentido, a sua análise descreve o liberalismo como uma política de gestão da liberdade que, por um lado, acarreta a produção de condutas livres e, por outro, estabelece grades de limitações e de controle destas condutas.

Foucault utiliza a noção de neoliberalismo para diferenciar o liberalismo do século XX com o liberalismo clássico. Se para o liberalismo clássico a noção de troca era fundamental para se apreender as relações mercantis, para o neoliberalismo, por sua vez, a noção de concorrência passa a ocupar este lugar. Já não se trata de examinar uma suposta paridade das relações de capital, mas, pelo contrário, tomar a disparidade como cerne da concorrência e da produtividade. Portanto, para a racionalidade neoliberal “o essencial do mercado é a concorrência, isto é, [...] não é a equivalência, mas a desigualdade” (FOUCAULT, 2008, p.161). Assim, se para o liberalismo clássico havia uma suposta



igualdade nas relações de troca que regia as relações mercantis, para o neoliberalismo é a desigualdade que serve a esta função.

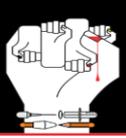
Em descrição dos trabalhos de Theodore Schuzl e Gary Becker, Foucault descreve a teoria do capital humano, produzida durante as décadas de 1950 e 1970 nos Estados Unidos. Essa tese neoliberal pressupõe que o indivíduo, enquanto capital humano e empresa de si mesmo, é formado pela relação entre elementos inatos – carga genética – e adquiridos – formação profissional, social, cultural, estética, política, técnica etc. O processo de reprodução humana é tomado como investimento, por um lado, na produção de um projeto e, por outro, em sua formação como capital humano (FOUCAULT, 2008, p.313-314).

A análise de Foucault indica que a racionalidade neoliberal se fundamenta na superação do liberalismo clássico, tanto por estabelecer intervenções e críticas das práticas políticas em termos de relações de concorrência, quanto por aplicar esta mesma lógica em uma reconfiguração epistêmica na qual o domínio da economia se apropria de outros, tomando-os, portanto, como diferentes seguimentos de formação do capital (FOUCAULT, 2008, p.339). Segundo Foucault, a caducidade do modelo disciplinar se dá pela ausência de espaço nas intervenções mercantis produzidas pelos neoliberais no sistema penal. Se, no liberalismo clássico, o infrator deveria ser reformado e reajustado pela sociedade disciplinar, no neoliberalismo a penalidade passa a ser tratada como um risco de ofertas no mercado de ilegalidades: “Em outras palavras, ele terá de reagir a uma oferta de crime” (FOUCAULT, 2008, p.346).

Em *Post-Scriptum: Sobre as sociedades de controle* (DELEUZE, 2008, p.219-226), Gilles Deleuze apresenta a noção de sociedade de controle para descrever tanto a decadência inevitável das sociedades normativas, quanto o processo de reformas e intervenções políticas promovido por um modelo empresarial que se tornou a norma de gestão das instituições e dos indivíduos. Deleuze levanta a hipótese de que a sociedade em que vivemos se organiza, por um lado, pelo controle das diferenças e, por outro, pela aquisição de novas condutas como fluxos de capital.

CONCLUSÕES

Em *Psicopolítica – O neoliberalismo e as novas técnicas de poder* (2018), Byung-Chul Han afirma que *O dilema de Foucault* (HAN, 2018, p.37-44) consiste no fato de que suas análises sobre a sociedade normativa não servem para descrever o tempo em que ele



viveu. Considerando tais análises, assim como o *insight* de Deleuze sobre a sociedade de controle, Han elabora a noção de psicopolítica defendendo a tese de que o regime neoliberal fabrica novas formas de liberdade e as fagocita como formas de sujeição. Ele aponta que *burnout*, depressão e suicídio são sintomas de uma sociedade centrada no discurso da autoexploração, do desempenho e da eficiência: “O sujeito do regime neoliberal perece com o imperativo da otimização de si, ou seja, ele morre da obrigação de produzir cada vez mais desempenho” (HAN, 2018, p.48). Nesse sentido, ele indica que vivemos em nosso tempo uma *Crise da liberdade* (HAN, 2018, p.9-24), onde tanto o individualismo quanto o isolamento do indivíduo de suas relações coletivas são legitimados por um jogo semântico em que a servidão é tomada como liberdade: “A liberdade individual é uma servidão na medida em que é tomada pelo capital para sua própria multiplicação” (HAN, 2018, p.13). Ao que a sua análise indica, a exploração das práticas de liberdade e das diferenças constituem um aspecto das relações de um de poder de controle e não de interdição.

2002

PALAVRAS-CHAVE: Neoliberalismo. Sociedade de controle. Psicopolítica.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Aliú José de; ALMEIDA, Judson; SILVA, Cássio Roberto Borges da Silva. *Biopoder e tanatopolítica: micropoder e soberania em Foucault e Agamben*. In: Fólio – Revista de Letras, v.13, n.2: 2021.

AGAMBEN, Giorgio. *Homo Sacer: O Poder Soberano e a Vida Nua*. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

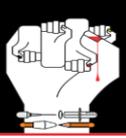
ARENDT, Hannah. *As Origens do Totalitarismo*. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras: 1989.

DELEUZE, Gilles. *Post-scriptum: Sobre as sociedades de controle*. In: *Conversações, 1972-1990*. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2008, p.219-226.

FOUCAULT, Michel. *O Nascimento da Biopolítica*. Trad. Eduardo Brandão. Martins Fontes, São Paulo: 2008.

FOUCAULT, Michel. *Em Defesa da Sociedade*. Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e José Augusto Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

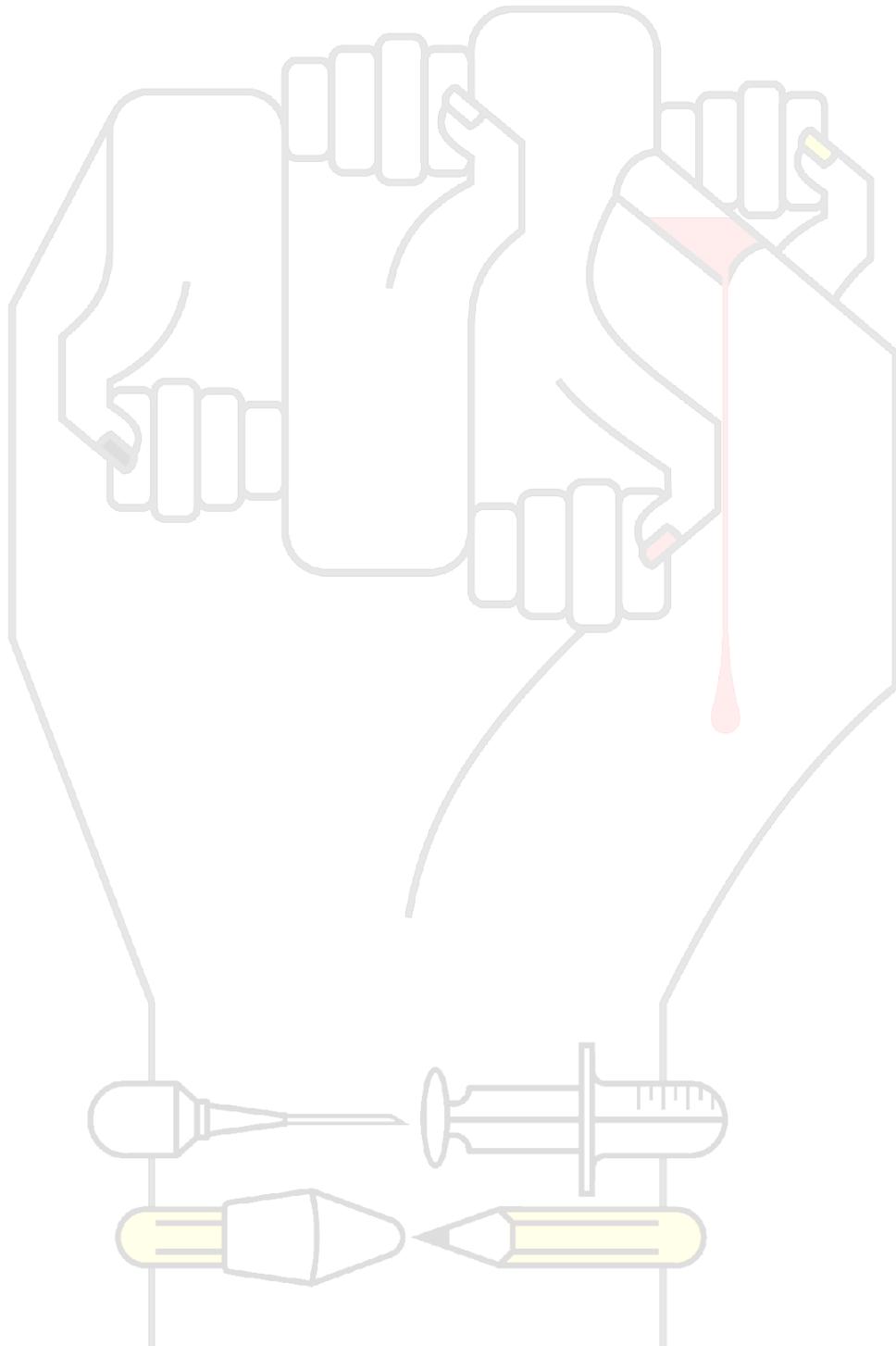


FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Trad. Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987.

HAN, Byoung-Chul. *Psicopolítica - O neoliberalismo e as novas técnicas de poder*. Trad. Maurício Liesen. Editora Âyiné, Belo Horizonte: 2018.

HAN, Byoung-Chul. *A sociedade do cansaço*. Trad. Maurício Liesen. 2º Edição ampliada. Petrópolis, Vozes: 2017.

2003



Realização:



Apoio:

